



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI  
NEAD – NÚCLEO DE ENSINO A DISTÂNCIA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

JOSÉ LUIZ JERONYMO BOSSI

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UTILIZAÇÃO DE UMA MÍDIA AUDIOVISUAL PARA  
DISCUSSÃO DO TEMA EM SALA DE AULA**

**São João del-Rei - MG**

**2019**

JOSÉ LUIZ JERONYMO BOSSI

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UTILIZAÇÃO DE UMA MÍDIA AUDIOVISUAL PARA  
DISCUSSÃO DO TEMA EM SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Mídias na Educação do Núcleo de Educação a Distância (Nead) da Universidade Federal de São João del-Rei- MG (UFSJ).

Orientadora: Juliana Mara Flores Bicalho

**São João del-Rei - MG**

**2019**



Universidade Federal  
de São João del-Rei

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI  
LEI Nº 10.425 DE 19 DE ABRIL DE 2002, D.O.U DE 22 DE ABRIL DE 2002



NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI – UFSJ  
INSTITUÍDA PELA LEI Nº 10.425, DE 19/04/2002 – D.O.U. DE 22/04/2002  
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD – UFSJ  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

### ATA DE DEFESA DE TCC

CANDIDATO (A): José Luiz Jeronymo

NÍVEL: ( X ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado

DATA DA DEFESA: 23/03/2019

HORÁRIO DE INÍCIO: 10:00 LOCAL: São Sebastião do Paraíso

MEMBROS DA BANCA		FUNÇÃO	TÍTULO	INSTITUIÇÃO DE ORIGEM
NOME COMPLETO	CPF			
Juliana Mara Flores Bicalho	050.123.226-57	Presidente	Mestrado	UEMG
Vanessa Jaqueline da Silva Vieira dos Santos	264.325.078-80	Membro 1	Doutorado	UNICAMP
		Membro 2		

TÍTULO: EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO FUNDAMENTAL: UTILIZAÇÃO DE UMA MÍDIA AUDIOVISUAL COMO MOTIVAÇÃO PARA DISCUSSÃO DO TEMA

Em sessão pública após exposição o (a) candidato (a) foi arguido oralmente pelos membros da banca, tendo obtido a seguinte nota 4,0.

- Aprovação por unanimidade.  
 Aprovação somente após satisfazer as exigências que constam na folha de modificações, no prazo fixado pela banca (não superior a quinze dias).  
 Reprovação.

Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata, que é abaixo assinada pelos membros da banca, na ordem acima relacionada e pelo candidato.

Local e data: S. Sebastião do Paraíso 23/03/19

Presidente: [Assinatura]

Membro1: [Assinatura]

Candidato: [Assinatura]

Obs.: O aluno deverá encaminhar ao professor orientador do curso, no prazo máximo de 15 dias o exemplar definitivo da Monografia postando na plataforma.

Observações: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

“Agradeço a Deus por não me deixar desistir nessa jornada”.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais Ricieri e Iraci, obrigado pelo amor incondicional, pelo exemplo de vida e por me ensinar valores importantes e contribuir com a minha educação.

Agradeço à Universidade Federal de São João Del-Rei que me proporcionou a chance de expandir os meus horizontes.

Agradeço a Deus, que foi minha maior força nos momentos de angústia e desespero. Sem ele, nada disso seria possível. Obrigada, Senhor, por colocar esperança, amor e fé no meu coração.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho, muito obrigado!

## RESUMO

A escolha da Educação Ambiental como tema para este trabalho foi baseada na importância de propiciar conhecimento a esse respeito a alunos do Ensino Fundamental, com o objetivo precípua de discutir sobre as práticas de atitudes ambientais corretas, a partir do conhecimento adquirido. Foi utilizada a pesquisa bibliográfica em livros e artigos científicos como metodologia. O conhecimento conduz à conscientização e esta, a atitudes apropriadas que poderão transformar em realidade o desenvolvimento sustentável tão almejado. Com esse propósito, o trabalho pretendeu mostrar a possibilidade de utilizar uma mídia para discutir questões relacionadas ao meio ambiente favorecendo o aprendizado em Educação Ambiental.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Ensino Fundamental. Utilização de mídia em sala de aula.

## **ABSTRACT**

The choice of Environmental Education as a theme for this work was based on the importance of providing knowledge in this respect to students of Elementary School, with the primary objective of discussing the practices of correct environmental attitudes, based on the knowledge acquired. We used bibliographical research in books and scientific articles as methodology. Knowledge leads to awareness and this, appropriate attitudes that can turn into reality the long-awaited sustainable development. With this purpose, the work aimed to show the possibility of using a media to discuss issues related to the environment favoring learning in Environmental Education.

**Keywords:** Environmental Education. Elementary School. Use of classroom media.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO: APRESENTANDO A PESQUISA .....</b>	<b>09</b>
1.1 PROBLEMA E HIPÓTESES .....	09
1.2 OBJETIVOS .....	10
1.2.1 OBJETIVO GERAL .....	10
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	10
1.3 JUSTIFICATIVA .....	10
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>11</b>
<b>3 REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>12</b>
3.1 Educação Ambiental .....	12
3.2 Educação Ambiental no contexto escolar .....	14
3.3 Educação Ambiental e o uso das mídias .....	16
3.4 A motivação através do filme “Os Sem-Floresta” .....	19
<b>4 DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....</b>	<b>21</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>28</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>30</b>



## **1 INTRODUÇÃO: APRESENTANDO A PESQUISA**

A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente, realizada em Estocolmo, em 1972, foi responsável pelo anúncio da necessidade de discutir no âmbito mundial, as questões relacionadas ao planeta. Entre outras preocupações, ficou claro, que a crença no progresso e no crescimento econômico mundial, com bases na ciência e na tecnologia não levou em conta as consequências que poderiam ser causadas a natureza e a sobrevivência do homem no planeta (GUIMARÃES, 1991)

Observa-se, pois, de acordo com esse autor, que Educação Ambiental tem sido abordada há décadas, com o intuito de oferecer conhecimento ao maior número possível de pessoas sobre a importância da preservação do meio ambiente, pretendendo-se chegar ao sonhado desenvolvimento sustentável, cujo objetivo maior é a compreensão de que é possível à geração atual utilizar os recursos naturais sem prejudicar as gerações futuras.

Essa tem sido a grande motivação para, incansavelmente, trabalhar em prol da Educação Ambiental, engajando os pré-adolescentes e adolescentes na prática de uma conduta de respeito ao ambiente e, especialmente, de conscientização, esperando que se tornem multiplicadores do conhecimento adquirido. Desde as menores atitudes, é possível colaborar para uma vida mais saudável, para si mesmos e para a comunidade em que vivem.

A formação propiciada pela escola permite que os indivíduos investiguem, reflitam e ajam sobre efeitos e causas dos problemas ambientais que afetam a qualidade de vida e a saúde da população.

### **1.1 Problemas e hipóteses**

O problema de pesquisa que se pretende responder é: “é possível promover uma discussão sobre Educação Ambiental através do uso de uma mídia audiovisual? ”

Trabalha-se com a hipótese que a utilização da mídia adequada, no caso específico deste trabalho, a exibição de filme é um fator desencadeador para debates e troca de ideias que possam contribuir para atitudes positivas no tocando à Educação Ambiental.

## **1.2 Objetivos**

### **1.2.1 Objetivo geral**

Pesquisar a importância do uso de mídias no ensino-aprendizagem no conteúdo de Educação Ambiental.

### **1.2.2 Objetivos específicos**

- Conceituar Educação Ambiental;
- Estudar práticas sustentáveis;
- Debater, após exibição do filme “Os Sem-Floresta”, as consequências dos desmatamentos e outras atitudes pouco recomendáveis;
- Motivar os alunos para serem multiplicadores do conhecimento.

## **1.3 Justificativa**

As pessoas só podem dar o que possuem, portanto, o conhecimento é essencial para que se possa desenvolver um trabalho de conscientização ambiental que faça a diferença na vida de todos os envolvidos e, especialmente, que se consiga envolver cada vez mais pessoas a caminho do desenvolvimento sustentável.

Motivar e engajar pré-adolescentes e adolescentes trará certamente bons frutos no caminho que se pretende trilhar. A Educação Ambiental, mais que um tema transversal, tem o status de disciplina, pela necessidade da preservação do meio ambiente, com a utilização consciente dos recursos naturais, que são inúmeros, mas, são finitos. Como afirma Barbosa (2001, p.56) “[...] a sua principal função é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e atuar na realidade sócio-ambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global”.

## 2 METODOLOGIA

Quanto aos procedimentos, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, em livros e artigos científicos, incluindo também a base de dados Google Acadêmico e Scielo, utilizando os descritores: Educação Ambiental, Ensino Fundamental, Utilização de mídia em sala de aula.

Esta pesquisa pode ser classificada como pesquisa exploratória que, de acordo com a definição dada por Gil (2007), procura maior familiaridade com o problema, visando torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Normalmente, segundo esse autor, essas pesquisas envolvem: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão. Gil (2007) afirma que essas pesquisas podem ser classificadas como pesquisa bibliográfica e estudo de caso.

O trabalho foi estruturado em quatro capítulos, sendo o primeiro com a conceituação de Educação Ambiental, de acordo com a opinião de diferentes estudiosos; o segundo capítulo deverá abordar a Educação Ambiental no contexto escolar, sua importância para que os alunos sejam multiplicadores; o terceiro capítulo abordando Educação ambiental e o uso das mídias e, finalmente, no quarto capítulo, a maneira de contextualizar o filme “Os Sem-Floresta”, trazendo o assunto para a realidade de cada um.

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

#### 3.1 Educação Ambiental

Educação Ambiental é um tema muito discutido e com muitos significados nos dias atuais. Na escola básica, nas universidades, na sociedade civil, nas Organizações não governamentais (ONGs), nos programas inter-governamentais, em projetos da iniciativa privada, enfim, um leque muito vasto de grupos sociais lhe empresta significados e muitos não se correspondem e mesmo se antepõem, criando situações muito complexas no já complexo sistema educacional brasileiro.

É importante classificar os espaços de ação da educação ambiental, divididas em três aspectos, com vistas a simplificar sua identificação: a) educação ambiental formal, exercida como atividade escolar no ensino básico dos sistemas oficiais de ensino, tanto em atividades em salas de aula ou fora delas. Possui conteúdos, metodologias e meios de avaliação claramente definidos; b) educação ambiental não-formal, exercida em outros e variados espaços da vida social, com diferentes componentes, metodologias e formas de ação daquela formal. Seu caráter não formal indica que é uma atividade fora da escola e é exercida normalmente por sindicatos, ONGs, empresas, secretarias de governo, etc.; c) educação ambiental informal, exercida em outros espaços sociais muito variados, não possuindo compromisso com a continuidade. Não se exige, também, que defina claramente sua forma de ação, metodologia, avaliação, como, por exemplo, os meios de comunicação de massa (BARBOSA, 2001, p.41).

Analisando a ótica desse autor e a aplicabilidade de sua teoria, percebe-se que Educação Ambiental envolve a consciência de todo um povo, para exercer o seu dever de cuidador do meio ambiente, em todas as esferas e segmentos, de forma continuada, e não apenas como disciplina escolar.

Pode-se, portanto, definir educação ambiental sob três conceitos fundamentais, ainda de acordo com Barbosa (2001, p.56):

- 1- a sua principal função é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e atuar na realidade sócio-ambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global.
- 2- A questão da educação ambiental impõe às sociedades a busca de novas formas de pensar e agir, individual e coletivamente, de novos caminhos e modelos de reprodução de bens para suprir necessidades humanas e relações sociais que não perpetuem tantas desigualdades e exclusão social e, ao mesmo tempo, que garantam a sustentabilidade ecológica. Isso implica um novo universo de valores no qual a educação tem um importante papel a desempenhar.
- 3- Educar os brasileiros para que ajam de modo responsável e com sensibilidade, conservando o ambiente saudável no presente e para o futuro; saibam exigir e respeitar os direitos próprios e os de toda a comunidade, tanto local como internacional e se modifiquem tanto interiormente como pessoas, quanto nas suas relações com o ambiente.

Pela definição de Layargues (1999, p.33) “[...] educação ambiental compreende um conceito de evolução, um processo racional que, na atualidade, resumidamente, pode ser econômico ou ecológico”.

Historicamente uns compartilham a possibilidade e legitimidade do sistema de sobrevivência dominante e, mais que isso, consideram esta a única via possível para que se atinjam padrões de sobrevivência igualitários e equilibrados.

A UNESCO promoveu a Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, realizada em Tbilise (Geórgia), em 1977. Nessa Conferência, funções, princípios e recomendações para a Educação Ambiental (EA) foram apresentados.

Deveria a EA basear-se na ciência e na tecnologia para a consciência e adequada apreensão dos problemas ambientais, fomentando uma nova conduta quanto à utilização dos recursos ambientais. Deveria se dirigir tanto pela educação formal como informal a pessoas de todas as idades. E, também, despertar o indivíduo a participar ativamente na solução de problemas ambientais em seu cotidiano. Teria que ser permanente, global e sustentada numa base interdisciplinar, demonstrando a dependência entre as comunidades nacionais, estimulando a solidariedade entre os povos da Terra (PEDRINI, 2002, p.28).

Segundo Mendes (2011), pode-se dizer que são recomendações, princípios, que primam pela união entre as nações, num esforço comum na busca por resolver as questões ambientais, tendo na EA um dos principais fatores que poderiam determinar um desenvolvimento igualitário entre os países.

De acordo com Tristão (2002), a EA, entendida como uma prática transformadora comprometida com a formação de cidadãos críticos e corresponsáveis por um desenvolvimento que respeite o ambiente e as diferentes formas de vida, enfrenta muitos desafios nesse início de século.

O momento pede uma articulação de princípios teóricos que fundamentam a Educação ambiental com o pensamento contemporâneo. “O respeito às diversidades cultural, social e biológica é o fio condutor das relações estabelecidas com o contexto contemporâneo” (TRISTÃO, 2002, p.169).

A árvore da educação ambiental deve dar flores e frutos de cidadania ativa, ideal já insculpido na Constituição Federal do Brasil. Educar-se para a realidade trepidante do dia-a-dia.sob o ângulo da consciência ecológica, a educação ambiental precisa traduzir-se em ações. A mobilização da comunidade não é apenas uma das formas de educação ambiental, mas aparece com manifestação dessa cidadania ativa (COIMBRA, 2002, p.406).

Em 1999 foi promulgada a Lei 9.795, que dispõe sobre a educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental, dos quais é importante destacar:

Art. 1º - entende-se por Educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

.....

Art. 5º - São objetivos fundamentais da Educação Ambiental:

I – o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos;;

II – a garantia de democratização das informações ambientais;

III – o estímulo e o fortalecimento de uma crítica sobre a problemática ambiental e social;

IV – o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania;

V – o estímulo à cooperação entre as diversas regiões do país, em níveis micro e macrorregionais, com vistas à construção de uma sociedade ambientalmente equilibrada, fundada nos princípios da liberdade, igualdade, solidariedade, democracia, justiça social, responsabilidade e sustentabilidade;

VI – o fomento e o fortalecimento da integração com a ciência e a tecnologia;

VII – o fortalecimento da cidadania, autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade.

.....

Art. 13 – entende-se por Educação Ambiental não formal as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente (BRASIL, 1999).

E, em seu parágrafo único, o art. 13, enumera a responsabilidade do Poder Público, em esferas: Federal, estaduais e municipais, que deverão incentivar a ampla participação das empresas públicas e privadas em parcerias com a escola, bem como as organizações não-governamentais na formulação e execução de programas e atividades vinculadas à educação ambiental.

### **3.2 A Educação Ambiental no contexto escolar**

Os fundamentos da prática educacional em educação ambiental são sistematizados em três posturas pedagógicas: o diálogo, a interdisciplinaridade e o respeito às diferenças.

Explicando melhor: o diálogo entre alunos e entre professor e alunos é fundamental para que as pessoas possam expor a maneira como entendem o meio ambiente e o que

consideram importante fazer para sua preservação; a interdisciplinaridade provoca o envolvimento das diferentes disciplinas, colocando a Educação Ambiental como eixo em torno do qual fluem todos os interesses; e, também, o respeito às diferenças, que deve haver, independentemente da disciplina sobre a qual se faz o debate.

Os problemas relativos à prática pedagógica, tanto em educação ambiental enquanto tema transversal ou como em qualquer disciplina escolar, encontram-se não exatamente na falta completa da interdisciplinaridade, mas a sua própria existência encontra-se condicionada pelos outros dois princípios, ou melhor, na articulação da interdisciplinaridade a partir do diálogo e do respeito às diferenças.

Comenta Barbosa (2001):

A população docente só foi chamada a desempenhar um papel relevante na construção do conhecimento em educação ambiental quando diferentes grupos ativistas, civis, governamentais e privados, terminaram de elaborar os preceitos conceituais sobre desenvolvimento econômico e manutenção dos recursos naturais, do existencialismo entre homem e condição natural, do cientificismo entre crescimento populacional e recursos possíveis, do mercado de produção e consumo de necessidades e desejos, ética pessoal e coletiva, cidadania (BARBOSA, 2001, p.63).

O movimento que caminhou para o ambientalismo se aproxima do movimento educacional quando juntos preocupam-se centralmente com os grandes desequilíbrios sócio-ambientais, sendo a escola pública chamada a desempenhar processos de comunicação de éticas ambientais em constantes movimentos na sociedade civil, entidades não-governamentais, comunidade universitária, governos e sistemas privados de fundações educacionais. E, ampliando mais, esses processos educacionais pela conservação do ambiente encontram-se em comum com os movimentos de técnicos envolvidos diretamente na proteção e desenvolvimento ambiental mais geral.

Observando todos esses conceitos de educação ambiental, resta refletir sobre a forma como a ênfase foi dada ao assunto. Percebe-se uma coincidência com o movimento da globalização, que transformou o mundo numa grande aldeia.

Na década de 1990, o Brasil sediou uma grande conferência, voltada ao meio ambiente. Não foi a primeira, nem a última, todas, na tentativa de encontrar alternativas para resolução do problema – sustentabilidade.

A Eco-92, também conhecida por Rio-92 foi a maior conferência realizada pelas Nações Unidas, no intuito de encontrar soluções para a preservação do meio ambiente e as atitudes possíveis em busca da sustentabilidade. Esses fatores são importantes para nortear a Educação Ambiental.

Segundo Sorrentino e Trajber (2007), o professor deve estar preparado para trabalhar com a diversidade de visões, saber fazer a conexão entre as culturas. É importante que a Educação Ambiental respeite a diversidade social, cultural e biológica e, através da escola, procure passar da simples transmissão do conhecimento para o estabelecimento de uma comunicação crítica, criadora de um sistema imaginativo e transformador da cultura e do ser humano.

Professores que irão trabalhar com a Educação Ambiental devem ousar e buscar romper as barreiras conceituais que existem entre as disciplinas, visando a constituição de um conhecimento que “compreenda a interação entre diferentes fenômenos da realidade, além de buscar os exercícios de práticas coletivas mais flexíveis e vivenciais” (TRISTÃO, 2002, p.175).

Mendes (2011) explica que a complexidade da sociedade moderna, aliada ao caráter integrador do tema meio ambiente, que permite por meio da teoria e da prática estudar as diferentes dimensões da sociedade, apresenta-se como grande desafio em um contexto muito mais amplo, a luta para superar a lógica da exclusão.

### **3.3 Educação ambiental e o uso das mídias**

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) estão em todos os espaços sociais. Jovens, crianças e adultos utilizam esses recursos em seu dia a dia quase como uma extensão de seus próprios corpos. Devido ao grande avanço e proximidade das Tecnologias da Informação e Comunicação no cotidiano dos educandos e, principalmente, por seu potencial comunicacional e informacional, surgiu o interesse de também vivenciar esses recursos na vida escolar. Essa nova realidade na escola também estimula a reformulação da prática docente buscando a aprendizagem de uma maneira cada vez mais prazerosa para os alunos, sempre se preocupando com as competências a serem desenvolvidas pelos alunos condizentes com a realidade social atual.

Segundo Valente (2007), o surgimento e a rápida evolução das tecnologias de informação e comunicação ocasionaram transformações e possibilidades para todos os âmbitos da sociedade. “[...] no contexto educacional, essas tecnologias estão sendo cada vez mais utilizadas, criando oportunidades para mudanças nas relações de ensino e aprendizagem, mais personalizadas, sociais e flexíveis” (p.84).

Para Moran (2007), se por um lado, observa-se que não acontece a sonhada interdisciplinaridade, por outro, as mídias sinalizam para sua importância na educação,



propiciando ações prático-educativas interdisciplinares. Dessa forma, a experimentação de papéis mostra ser possível uma educação transformadora e emancipatória, tendo o professor como mediador, e os alunos têm a oportunidade de experimentar uma nova prática de aprender, por poderem experimentar o novo e, assim, assumem o seu protagonismo na construção de conhecimentos.

Segundo Moran e Behrens (2006), toda prática interdisciplinar envolve a abertura do professor para aceitar novas formas pedagógicas, que possibilitam o diálogo professor-aluno e aluno-aluno construindo estruturas flexíveis, autônomas, críticas, justas, solidárias, sustentáveis, num contexto globalizado. Nesse sentido, a ação docente passa do ensinar para o “aprender a aprender”.

O século XXI apresenta como uma de suas características a globalização, e uma sociedade chamada de “sociedade do conhecimento”.

Tal cenário traz inúmeras transformações em todos os setores da vida humana. O progresso tecnológico é evidente, e a importância dada à informação é incontestável. O progresso tecnológico atua, principalmente, como facilitador no processo comunicacional. Agora é possível processar, armazenar, recuperar e comunicar informação em qualquer formato, sem interferência de fatores como distância, tempo ou volume (SILVA e CUNHA, 2002, p.77).

Delors (2000) vê na educação um trunfo indispensável na construção da sociedade do conhecimento, um mundo que seria mais igualitário, envolvendo-se com a educação ambiental, mais justo; vendo na educação o caminho de mão única para se chegar ao desenvolvimento harmonioso. Foi com tal pensamento que Delors presidiu a Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI, iniciativa da Unesco, e de onde saíram os quatro pilares de um novo tipo de educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser.

O aprender a conhecer, segundo Delors (2000) deve ser visto como meio e fim, porque engloba a necessidade de conhecer o entorno, de modo a facilitar a comunicação e, principalmente, o prazer de compreender, de descobrir.

O aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir (DELORS, 2000, p.91).

O processo de aprendizagem do conhecimento é passível, segundo o autor, de enriquecer-se continuamente, podendo ligar-se sempre e mais à experiência do trabalho, tornando-o menos rotineiro.

Aprender a fazer significa por em prática os conhecimentos adquiridos inclusive dentro dos cuidados com o meio ambiente, bem como promover uma adaptação ao trabalho futuro. A resposta para a consecução de tal objetivo foi explicitada pela Comissão.

Aprender a fazer não pode continuar a ter o significado simples de preparar alguém para uma tarefa material bem determinada, para fazê-lo participar no fabrico de alguma coisa. Como consequência, as aprendizagens devem evoluir e não podem mais ser consideradas como simples transmissão de práticas mais ou menos rotineiras, embora estas continuem a ter um valor formativo que não é de desprezar (DELORS, 2000, p.93).

Para o autor, a qualificação profissional implica na busca cada vez maior de conhecimentos, que se unem ao compromisso pessoal do trabalhador, enquanto agente de mudança. “O desenvolvimento dos serviços exige cultivar qualidades humanas que as formações tradicionais não transmitem e que correspondem à capacidade de estabelecer relações estáveis e eficazes entre as pessoas” (DELORS, 2000, p.95).

O aprender a viver, para Delors (2000), representa um dos maiores desafios propostos à educação e o diálogo parece ser a ferramenta mais eficaz para se vencer essa batalha. A procura de objetivos comuns constitui um facilitador para o aprendizado da vivência em comum.

Finalmente, o quarto tópico citado por Delors (2000), aprender a ser, significa o desenvolvimento total do indivíduo, nos diferentes aspectos, quais sejam, inteligência, sensibilidade, estética, responsabilidade pessoal, espiritualidade e se engaje assim com assuntos ambientais

Num mundo em mudança, de que um dos principais motores parece ser a inovação tanto social como econômica, deve ser dada importância especial à imaginação e à criatividade; claras manifestações da liberdade humana elas podem vir a ser ameaçadas por uma certa estandardização dos comportamentos individuais. O século XXI necessita desta diversidade de talentos e de personalidades, mais ainda de pessoas excepcionais, igualmente essenciais em qualquer civilização (DELORS, 2000, p.100).

Para o autor, é preciso, pois, ter em mente que a educação possui um lugar cada vez maior na vida das pessoas, especialmente pelo papel que estas representam na sociedade. As possibilidades oferecidas são muito maiores, em todos os domínios, fazendo com que os

indivíduos procurem especializar-se, de modo a competir com reais possibilidades de êxito, no mercado de trabalho.

O professor deve abandonar a ideia de transmissor do conhecimento para o aprender a aprender, isto é, propiciar a criação de ambientes de aprendizagem de maneira que o aluno possa criar autonomia e procurar construir o conhecimento junto ao professor e aos seus colegas. Além disso, tem de ser mais do que um professor, precisa assumir um papel de agente de formação do seu aluno enquanto cidadão. O professor, para atingir os seus objetivos necessita de uma ferramenta de complementação e aperfeiçoamento na sala de aula que são as TICs, visando agregar valor ao processo de ensino-aprendizagem. O bom ou mau uso dessas tecnologias depende dos conhecimentos, habilidades e atitudes do professor sobre elas (BARROQUEIRO et al, 2009).

A exibição de filmes, utilizando, portanto, a mídia cinema, é excelente motivador, além de dinamizar as discussões a respeito dos assuntos que se pretende focar. O aluno, além de ler e ouvir a respeito de determinado assunto, reforça o seu pensamento, pelas imagens projetadas nos filmes, o que dá uma ênfase maior, motivando e incentivando atitudes corretas em relação a natureza, éticas e solidárias, como é o caso do filme sugerido na proposta de ensino.

### **3.4 A motivação através do filme “Os sem-floresta”**

“Os sem-floresta” (livre tradução do original *Over the Hedge*) é um filme de animação feito por computador baseado na tira em quadrinhos homônima, criada por Michael Fry e T. Lewis para a United Media. Dirigido por TIM Johnson e Karey Kirkpatrick, e produzido por Bonnie Arnold, o filme foi lançado em 19 de maio de 2006 nos Estados Unidos e em 07 de julho de 2006 no Brasil.

Grandes nomes do cinema e da televisão estado-unidense, como Bruce Willis, Nick Nolte, Steve Carell, Thomas Haden Church, Allison Janney, William Shatner, Garry Shandling, Wanda Sykes, Eugene Levy e Catherine O'Hara, emprestaram suas vozes para os personagens do filme. A cantora canadense Avril Lavigne também emprestou sua voz para a personagem Heather, em seu primeiro trabalho no cinema.

O filme em questão apresenta um caso em que os animais hibernam e, ao acordar, encontram, em lugar de sua floresta, construções e mais construções. O habitat natural fora substituído, enquanto dormiam, por cimento. Não foram consultados e não sabem para onde ir. Para onde, senão invadir a área que lhes fora tomada?

O desenrolar do filme permite uma contextualização, alertando para o perigo de “dormir” e deixar que a natureza se vá, eliminando recursos naturais necessários à sobrevivência. Os debates que serão promovidos em classe, provocarão reações motivadoras para a preservação do meio ambiente, conservando os meios necessários à sobrevivência do planeta.

Transcreve-se aqui a crítica de cinema sobre esse filme:

Os Sem-Floresta conta a história de um grupo de animais liderado por Verne, uma tartaruga cuidadosa e metódica. Eles formam uma família estranha, composta por um gambá pessimista, um casal de porcos-espinhos dedicado aos três filhos, uma sarigüê adolescente com vergonha do próprio pai e um esquilo hiperativo. Apesar das diferenças, eles são muitos felizes e vivem juntos em um tronco de árvore, até o fim do inverno. Quando acordam da hibernação, percebem algo muito diferente: um estranho muro formado por arbustos, limitando a floresta a um pequeno bosque. Do outro lado, um condomínio foi construído e eles se deparam com uma realidade totalmente desconhecida. Mas não para o manipulador RJ (Bruce Willis, na versão original), um guaxinim que se aproxima de uma inocente família para recuperar toda a comida que roubou do urso Vincent (Nick Nolte).

Aventuras e perigos envolvem esses pequenos animais, mas o importante, em Os Sem-Floresta, são as lições deixadas, não só para o público mirim, mas para o adulto também. A animação é ecologicamente correta, mostrando o dano da invasão humana no hábitat dos personagens, que não sabem onde conseguir alimento. Algo simples, que se aprende rindo e se divertindo, sem aquele discurso demagógico de proteção ao meio ambiente, que faz qualquer criança dormir. Além disso, a animação resgata o valor familiar, tão fragmentado nos dias de hoje.

Sempre por meio da visão dos bichinhos, eles mostram peculiaridades sobre os seres humanos, como o fato de viverem para comer e não comerem para viver. Com uma forte crítica ao consumo exagerado, eles provam que podem ser mais civilizados do que nós, tornando o filme mais inteligente do que possa parecer em um primeiro instante (CINECLICK, 2009, s/p)

A exibição de filme para a faixa-etária do Ensino Fundamental é sempre muito bem recebida, por apresentar questões importantes, de forma prazerosa, ilustrativa, e será utilizada como estratégia para motivação, não se constituindo estudo de caso.

#### 4. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Analisando a opinião de diferentes autores sobre a Educação Ambiental envolvendo também o estudo de práticas sustentáveis, tem-se o seguinte:

Segundo Luzzi (2005), a educação ambiental marca uma nova função social da educação, não constituindo apenas uma dimensão, nem um eixo transversal, mas, sim, responsável pela transformação da educação como um todo, em busca de uma sociedade sustentável.

Esse mesmo autor explica que isto foi o que aconteceu com muitos educadores ambientais que tentaram introduzir a educação ambiental na grade curricular das escolas, sem, no entanto, refletirem sobre as mudanças que provocariam na educação. Dessa forma, o Pronunciamento Latino Americano, movimento livre de educadores do mundo todo, que, no Fórum Mundial de Educação, realizado em Dacar, no ano 2000, apresentou a necessidade de se encontrar um sistema de educação capaz de promover os meios necessários para que os estudantes encontrem um sentido para a vida, um sentido comunitário: compartilhar e servir, ser solidários mais do que competitivos, saber conviver privilegiando o bem-estar coletivo, respeitar as diferenças contra as tendências de exclusão e o cuidado pelos mais fracos e desprotegidos.

Cidadãos comprometidos na construção de uma sociedade multicultural e intercultural, pela abertura e valorização das diferentes formas de conhecimento, e pela aproximação à realidade, que transcende a racionalidade instrumental, entendendo-a como uma conquista sobre os próprios egoísmos, e os dos demais, como uma construção da autonomia da pessoa e de seu sentido de responsabilidade (LUZZI, 2005, p.399).

Pelicioni e Phillippi Jr (2002) afirmam que a educação ambiental é um processo de educação política que possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades, bem como a formação de atitudes que se transformam necessariamente em práticas de cidadania que garantam uma sociedade sustentável.

Para Castro e Canhedo Jr (2005) cabe à educação ambiental, como processo político e pedagógico, formar o indivíduo para o exercício da cidadania, propiciando conhecimento interdisciplinar com uma visão integrada de mundo. Essa formação permite que cada cidadão investigue, reflita e aja sobre efeitos e causas dos problemas ambientais que afetam a qualidade de vida e saúde da população.

Castro e Gêiser (2000) ponderam que a educação ambiental permite, principalmente, que o indivíduo e a coletividade disponham de instrumentos que lhes possibilitem

compreender a complexidade do meio ambiente em todos os seus aspectos: biológicos, físicos, sociais, econômicos e culturais. O resultado será, além da aquisição de conhecimentos, habilidades e valores, a mudança de comportamento por meio da participação responsável, ou seja, da prática da prevenção e solução dos problemas ambientais, mediante a gestão acertada da qualidade do meio ambiente.

Castro e Canhedo Jr. (2005) enfatizam, ainda, a importância de priorizar métodos ativos da consecução dos objetivos nos níveis cognitivos, afetivos e técnicos, considerando-se que a educação ambiental precisa voltar-se à compreensão e solução dos problemas, para que as pessoas se preparem para analisar reflexiva e criticamente esses problemas, de modo a tomar decisões acertadas e participar ativamente.

Segundo Guimarães (1995), não basta insistir na Educação Ambiental, é preciso que o educador trabalhe intensamente a integração entre o ser humano e ambiente e se conscientize de que o ser humano é natureza e não apenas parte dela.

No trabalho de conscientização é preciso estar claro que conscientizar não é simplesmente transmitir valores “verdes” do educador para o educando; essa é a lógica da educação “tradicional”; é, na verdade, possibilitar ao educando questionar criticamente os valores estabelecidos pela sociedade, assim como os valores do próprio educador que está trabalhando em sua conscientização. É permitir que o educando construa o conhecimento e critique valores a partir de sua realidade, o que não significa um papel neutro do educador que negue os seus próprios valores em sua prática, mas que propicie ao educando confrontar criticamente diferentes valores em busca de uma síntese pessoal que refletirá em novas atitudes (GUIMARÃES, 1995, p.31-32).

A Educação Ambiental trabalha diretamente com as relações entre sociedade e natureza e, por isto, seu papel é essencial na construção de propostas para que a Educação Ambiental consiga adaptar-se às contradições da sociedade capitalista. Para alcançar esse objetivo, é necessário desenvolver ações mais abrangentes.

A Educação Ambiental não pode se resumir às críticas sobre o processo de ocupação “degradante” que o homem promove na natureza, mas deve analisá-lo dentro de uma teia de relações sociais em que a prática pedagógica desenvolvida na escola é parte integrante de uma sociedade multifacetada por interesses ideológicos e culturais (TAMAIÓ, 2002, p. 37).

Para Reigota (1998) o grande desafio para o exercício de uma cidadania ativa, entendido que este é um conceito aplicado às pessoas que se comprometem com a comunidade, está em se conseguir a constituição e o fortalecimento de sujeitos cidadãos, conscientes de seus direitos e deveres que abram novos espaços de participação.

Entende-se, pois, após análise dos conceitos e opiniões de autores dedicados ao tema, que o papel do professor para a conscientização e consequente melhora em estilo de vida e respeito à natureza, é de grande relevância.

Santos (2001) questiona, e há que se concordar com esse autor, que a ideia de aldeia global mascara uma situação que vai muito além das palavras. Apresenta-se o mundo ao alcance da mão, como se ao mercado fosse possível homogeneizar o planeta, sem, no entanto, se refletir sobre as diferenças locais que acabam se aprofundando.

Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado. Fala-se, igualmente, com insistência, na morte do Estado, mas o que estamos vendo é seu fortalecimento para atender aos reclamos da finança e de outros grandes interesses internacionais, em detrimento dos cuidados com as populações cuja vida se torna mais difícil (SANTOS, 2001, p.19).

Segundo esse autor, de fato, para a grande maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Como resultado dessa chamada igualdade de produção e comercialização, surge o interesse empresarial em fazer com que suas organizações fossem ecologicamente corretas, ambientalmente responsáveis e socialmente comprometidas com o planeta.

Para Tachizawa (2011), em troca da degradação oriunda das indústrias, surgiram os projetos socioambientais, pedindo a preservação, quando, na verdade, se objetivava a restauração dos bens naturais sacrificados em favor da produção. Claro que os projetos socioambientais minimizam os prejuízos, mas, não são suficientes para garantir uma natureza preservada, no intuito de vender a imagem de um desenvolvimento sustentável que, até o momento, continua parecendo utópico.

Moran (2004) sugere que os professores encontrem e utilizem novas formas para ensinar e conscientizar seus alunos.

Ensinar e aprender estão sendo desafiados como nunca antes. Há informações demais, múltiplas fontes, visões diferentes de mundo. Educar hoje é mais complexo porque a sociedade também é mais complexa e também o são as competências necessárias. As tecnologias começam a estar um pouco mais ao alcance do estudante e do professor. Precisamos repensar todo o processo, reaprender a ensinar, a estar com os alunos, a orientar atividades, a definir o que vale a pena fazer para aprender, juntos ou separados (MORAN, 2004, p.246).

Para esse autor, o cinema em sala de aula, se utilizado adequadamente, pode ser um grande motivador, o cinema serve como abertura para um tema, sugerindo novos posicionamentos, olhares, sentimentos, ideias e valores. Bons filmes abrem novas perspectivas de interpretação, da maneira de sentir e avaliar mais profundamente o tema abordado.

O professor que estiver disposto a trabalhar o cinema em sala de aula deve preparar o material que será abordado, fazendo uma reflexão sobre “[...] como será abordado o filme em sala de aula, fazer os questionamentos consigo mesmo para o melhor desenvolvimento do conteúdo” (NAPOLITANO, 2010, p.12). O docente será sempre o mediador entre o aprendiz e a aprendizagem.

É necessário que a atividade proposta pelo professor vá além da simples reprodução do filme, pois no ambiente escolar é preciso que tenha o professor como mediador, assim proporcionando leituras mais precisas e direcionadas para os alunos, para que possam desenvolver um olhar e leitura mais crítica e exigente. “[...] fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno [...], propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar. Este é o desafio”. (NAPOLITANO, 2010, p. 15).

Enfim, para que o professor alcance as vantagens que almeja com a utilização do cinema em contexto escolar, precisa conhecer todas as possibilidades oferecidas por essa mídia para que, tanto professor quanto aluno possam, de acordo com seus interesses e modos de vida, interpretar adequadamente, haja vista “[...] que um filme não significa o mesmo para diferentes grupos socioculturais” (EITERER, 2004, p.151). A esse respeito, afirma Guimarães (2009):

Entre as inúmeras vantagens, validades ou relevâncias educativas do cinema ou como alguns defendem, de educar com o cinema e para o cinema, de um modo geral, especialistas como José Manuel Moran nos lembram que “o vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Atingem-nos por todos os sentidos e de todas as maneiras” (GUIMARÃES, 2009, p. 157).

Barbosa (2010) cita o comentário da poetisa chilena Gabriela Mistral quando se referiu ao ensino por meio do cinema, dizendo que a linguagem cinematográfica imprime vida a um conteúdo inerte. Esse é um exemplo da importância do cinema no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula e para além desse espaço, permitindo uma leitura real e vívida da educação ambiental.



Azevedo (2004) também concorda que o ponto de vista de Mistral solidifica a ideia de que educar significa também estar atento às transformações ocorridas na sociedade, principalmente as que se referem à utilização de tecnologias em ambiente escolar, para que os docentes não se transformem “[...] em pseudoprofessores, meros repetidores de coisas prontas, meros tutores ou coadjuvantes de um processo do qual tinham de ser sujeitos” (AZEVEDO, 2004, p.26).

Napolitano (2010) elenca alguns questionamentos que podem ser úteis antes da escolha do filme: a) Qual o objetivo didático-pedagógico geral da atividade? b) Qual o objetivo didático-pedagógico específico do filme? c) O filme é adequado à faixa etária e escolar do público-alvo? d) O filme pode e deve ser exibido na íntegra ou a atividade se desenvolverá em torno de algumas cenas? e) O público-alvo já assistiu a algum filme semelhante?

Esse tipo de atividade tem um teor lúdico e motivador muito forte e, em geral, é bem aceito principalmente pelos jovens, pois representa o que para eles existe de mais moderno e contemporâneo.

Os comentários a respeito do filme escolhido: “Os Sem-Floresta” e que constam do item 2.4 da Revisão de Literatura, justificam sua utilização para os alunos do Ensino Fundamental. É uma atividade lúdica que, entretanto, mostra as consequências dos atos impensados e, sobretudo, da falta de respeito à natureza que tudo dá, mas cobra a conta.

Aventuras e perigos envolvem esses pequenos animais, mas o importante, em Os Sem-Floresta, são as lições deixadas, não só para o público mirim, mas para o adulto também. A animação é ecologicamente correta, mostrando o dano da invasão humana no habitat dos personagens, que não sabem onde conseguir alimento. Algo simples, que se aprende rindo e se divertindo, sem aquele discurso demagógico de proteção ao meio ambiente, que faz qualquer criança dormir. Além disso, a animação resgata o valor familiar, tão fragmentado nos dias de hoje.

A importância do cinema como meio de construção do conhecimento pode ser compreendida no sentido de que ver e interpretar filmes implica, acima de tudo, perceber o significado que eles têm no contexto social do qual participam (KLAUS, 2003).

De acordo com Vieira (2009), o cinema de impacto ambiental não pretende constituir-se de filmes feitos para provocar choques ou pânico, mas para apresentar informações que despertem o interesse dos alunos. Isso pode permitir que o aluno tome atitudes que provoquem transformação ambiental em sua própria realidade. Deve-se oportunizar aos alunos a percepção do problema ambiental e de suas possíveis formas de resolução, não como um dado pronto, mas como uma atividade possível e útil para a solução do problema. Essa

atitude pode e deve ser tomada pelos próprios alunos, permitindo-lhes que se tornem independentes e críticos, para serem agentes transformadores do seu meio ambiente e, em consequência, da sua realidade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Educação Ambiental pode tornar-se mais interessante e abrangente, se forem utilizados os recursos tecnológicos disponíveis.

Embora as escolas e, em especial, as escolas públicas ainda caminhem a passos lentos em relação às tecnologias, algumas por não possuírem computadores em número suficiente, outras por falta de preparo do professor, e, outras ainda, por não conseguirem motivar os alunos para as pesquisas adequadas ao conteúdo programático, a verdade é que se torna cada vez mais necessário aproveitar o que a tecnologia oferece, para tornar as aulas mais dinâmicas e interessantes.

A Educação Ambiental pode ser ensinada através de filmes e informações buscadas na internet e em vídeos. Porém, o trabalho do professor, muitas vezes, não apresenta resultados satisfatórios por falta de planejamento e de material adequado ao assunto a ser ensinado.

A Educação Ambiental surge na tentativa de conscientizar as pessoas, a partir da vida escolar, para os cuidados que o meio ambiente carece, de modo a evitar males maiores dos que já foram provocados pelo homem. A utilização de mídia audiovisual com apresentação de filme com o tema ambiental abre a discussão sobre o que se pode fazer para preservar a natureza e auxilia na conscientização dos alunos em busca da sustentabilidade.

Fica, ainda, como sugestão para um trabalho futuro, a aplicação de um projeto com os alunos, a partir do filme “Os Sem-floresta”, cuja explicação detalhada está no Apêndice 1. O embasamento teórico está na Revisão Bibliográfica aqui apresentada.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, R. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, R. J. (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004, p. 38-47.
- BARBOSA, A. M. **Cecília Meireles**: defensora da educação moderna, das artes e do cinema na educação. São Paulo. Rosari. Universidade Anhembi Morumbi, PUC Rio e UNESP Bauru, 2010.
- BARBOSA, J. H. Educação Ambiental: movimentos e interpretações ambientais. In: **Introdução ao estudo de gestão e manejo ambiental**. Lavras: UFLA, 2001.
- BRASIL. Lei 6.938. **Dispõe sobre a Política Nacional de Meio Ambiente – PNMA**. Brasília, DF: Senado, 1981.
- CASTRO, M. L.; CANHEDO JR. S.G. Educação Ambiental como instrumento de participação. In: PHILLIPPI JR, A.; PELICIONE, M.C.F. (Eds). **Educação Ambiental e sustentabilidade**. Barueri, SP: Manole, 2005, p.401-411.
- CASTRO, M.L.; GEISER, S.R.A. Educação ambiental: um caminho para a construção da participação nos conselhos de meio ambiente. In: PHILLIPI JR. A.; PELICIONI, M.C.F. (Eds) **Educação ambiental**: desenvolvimento de cursos e projetos. São Paulo: Signus, 2000, p.215-222.
- COIMBRA, J.A.A. **O outro lado do meio ambiente**: uma incursão humanista na questão ambiental. Campinas: Millennium, 2002.
- EITERER, C. L. Democratizando a leitura estética: cinema e educação. In: PAIVA, Aparecida et al. (Org.). **Democratizando a leitura**: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Ceale Autêntica, 2004, p. 149-165.
- FERNÁNDEZ, G. E. (Coord.) et al. **Publicidade e propaganda**: O vídeo nas aulas de língua estrangeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009
- GUIMARÃES. M. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas: Papyrus, 1995.
- GUIMARÃES, S. **Cinema e ensino de história**. Revista do arquivo público mineiro. Vol. 45, jan./jun. 2009, p. 151-158.
- KLAUS, V. **Cinema e Educação**: refletindo sobre cinema e educação. Rev. Brás. Educ. n.23, ago 2003, p.171-173.
- LAYARGUES, P. P. **Cortina de Fumaça**: o discurso empresarial verde e racionalidade econômica e ecológica. São Paulo: Annablume, 1999.
- LUZZI, D. Educação Ambiental: pedagogia, política e sociedade. In: PHILLIPPI JR, A.; PELICIONE, M.C.F. (Eds). **Educação Ambiental e sustentabilidade**. Barueri, SP: Manole, 2005, p.380-400.

MENDES, F.C.P. **Projetos pedagógicos em Educação ambiental**. Curitiba, PR: Ed. Fael, 2011, p.11-123.

MORAN, J.M. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. In: ROMANOWSKI, J.P. et al. (orgs). **Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídias e tecnologias na educação**. Vol.2. Curitiba, PR: Champagnat, 2004, p.245-253.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema em sala de aula**. 4ed.. São Paulo: Contexto, 2010.  
PEDRINI, A. de G. **Trajetórias da educação ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PELICIONI, M.C.F.; PHILLIPPI JR., A. Meio ambiente, direito e cidadania: uma interação necessária. In: PHILLIPPI JR., A.; ALVES, A.C.; ROMERO, M.A.; BRUNA, G.C. (eds) **Meio ambiente, direito e cidadania**. São Paulo: Signus, 2002. p.347-351.

REIGOTA, M. Desafios á educação ambiental escolar. In: CASCINO, F.; JACOBI, P.R.; OLIVEIRA, J.F. (orgs). **Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências**. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 1998, p.43-50.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. 6ed. São Paulo: Record, 2001.

TAMAIO, Irineu. **O professor na construção do conceito de natureza: uma experiência de educação ambiental**. São Paulo: Annablume: WWF, 2002.

TRISTÃO, M. **As dimensões e os desafios da educação ambiental na sociedade do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, F.Z. **A utilização didática do cinema para a aprendizagem da Educação Ambiental**. Dissertação (Mestrado). Ponta Grossa, PR: Universidade Estadual do Paraná, 2009.

**APÊNDICE 1:** Proposta de desenvolvimento de um projeto ambiental:

Para um próximo trabalho com os alunos de Ensino Fundamental será exibido um filme cujo tema propiciará a possibilidade de analisar o assunto e utilizar esse exemplo como motivação para a adoção de condutas apropriadas à minimização do problema analisado.

O filme em questão – “Os sem-floresta” já foi comentado no item 2.3 deste trabalho e o passo a passo a ser trabalhado, nesse sentido, será o seguinte:

Após a exibição do filme, solicita-se aos alunos que elaborem, para a próxima aula, suas conclusões a respeito do que assistiram. E assim, de posse dessas informações, os próximos passos serão programados da seguinte forma:

- A classe será dividida em quatro grupos, que farão um resumo do que concluíram a respeito do filme. Terão para essa atividade o tempo de 20 minutos, findos os quais, cada grupo apresentará o resultado de seus debates.
- Esses resultados, provavelmente tenham pontos em comum, de modo que será feita a adequação para obter um resultado único, da classe. Ao chegar a esse ponto, os itens enumerados serão colocados em cartaz.
- Para o próximo encontro, os alunos deverão, em grupo, trazer as ideias sobre o que será possível fazer para minimizar os prejuízos ambientais na comunidade em que vivem.
- Nos primeiros vinte minutos desse encontro, serão expostas e debatidas as ideias para atividades concretas a serem levadas a efeito, para conscientização sobre a importância da preservação do meio ambiente, desde os menores gestos até um coletivo atuante.
- Após chegar a essa conclusão, será estabelecido um dia para a classe sair pelo entorno em que se insere a escola, levando as idéias que farão a diferença na comunidade. Todas as atividades serão mediadas pelo professor e acompanhadas pela gestão escolar.

Estima-se que esse projeto poderá ser desenvolvido em três aulas, em sua parte inicial, formando-se, depois, um grupo de trabalho que procurará conscientizar a comunidade, a partir de suas próprias casas e do entorno da escola e do local onde moram.

A pesquisa nas fontes citadas neste trabalho serve de embasamento para debates em sala de aula, de forma motivadora, propiciando oportunidades de conscientização sobre a importância do tema tratado.